

**MEMÓRIAS: ASPECTO MARCANTE  
NA OBRA “O QUINZE”, DE RACHEL DE QUEIROZ**

*Edilaine da Silva Freitas* (UENF)

[edilainefreitas\\_21@hotmail.com](mailto:edilainefreitas_21@hotmail.com)

*Clodoaldo Sanches Fofano* (UENF)

[clodoaldosanches@yahoo.com.br](mailto:clodoaldosanches@yahoo.com.br)

*Eliana Crispim França Luquetti* (UENF)

[elinafff@gmail.com](mailto:elinafff@gmail.com)

*Elisângela Ferreira Gomes Dornelas* (UENF)

[elisangeladornellas@hotmail.com](mailto:elisangeladornellas@hotmail.com)

*Roberta Santana Barroso* (UENF)

[robertasbf@hotmail.com](mailto:robertasbf@hotmail.com)

**RESUMO**

O presente estudo tem o objetivo evidenciar, por meio de análise, as memórias de Rachel de Queiroz presentes na obra “O Quinze” e o entrelaçar de sua vida com a da personagem Conceição. Tal abordagem salienta os aspectos marcantes de vida da escritora, assim como o destaque de sua autoria na segunda fase modernista. Em um período de grandes mudanças e de conquistas, em especial, dentro do meio literário, onde as mulheres passam a ter seus textos reconhecidos. Isso representou um grande avanço e trouxe reflexo direto na composição do enredo e na construção das personagens dos romances, de forma que demonstrou amadurecimento das conquistas da primeira fase. Este estudo é metodologicamente estruturado por uma pesquisa bibliográfica de base qualitativa, composta de fontes teóricas que embasam a discussão do tema abordado. Constatou-se que a divulgação da autoria feminina se tornou possível a partir do advento do modernismo, além de evidenciar a presença das memórias de Rachel no romance em análise. Sendo assim, o trabalho é relevante, pois apresenta o romance na perspectiva modernista, regionalista, de forma que expõem as características que relaciona o período literário à obra e à autora.

**Palavras-chave:**

**Memórias. Modernismo. Autoria feminina. Rachel de Queiroz.**

**ABSTRACT**

This study aims to highlight, through analysis, the memories of Rachel de Queiroz in “O Quinze” and the intertwining of her life with that of the character Conceição. Such an approach emphasizes the striking aspects of the writer’s life, as well as the highlight of her authorship in the second modernist phase. In a period of great changes and achievements, especially within the literary milieu, where women have their texts recognized. This represented a major breakthrough and brought a direct reflection on the composition of the line and the construction of the characters of the novels, so that demonstrated the maturity of the achievements of the first phase. This study is methodologically structured by a qualitative bibliographic research, composed

of theoretical sources that support the discussion of the theme. It was found that the dissemination of female authorship became possible from the advent of modernism, in addition to highlighting the presence of Rachel's memories in the novel under review. Thus, the work is relevant, as it presents the novel in the modernist, regionalist perspective, so that they expose the characteristics that relate the literary period to the work and the author.

**Keywords:**

**Rachel de Queiroz. Female authorship. Modernism. Memoirs.**

## **1. Introdução**

A literatura, assim como muitas outras áreas, vivencia processos de transição e de conquistas das mulheres, reflexo de grandes mudanças políticas, econômicas e sociais com destaque para o início do século XX, período no qual algumas batalhas começam a ser vencidas. Nesse período, até relações humanas mudaram, a mulher que, até então era totalmente submissa e não tinha o direito de conquistar seu espaço, trava uma luta em busca de seus objetivos. Isso fica claro e refletido em várias áreas da sociedade. O gênero feminino começa a descobrir seu poder e a enfrentar seus medos, no entanto, não foi uma tarefa fácil, inúmeras batalhas foram travadas para vencer os obstáculos surgidos ao longo desse caminho rumo à libertação.

Miridan Knox Falei (2004) declara no livro *História das mulheres no Brasil* que, no século XIX, as mulheres mais abastadas quase não exerciam atividades fora do lar, eram criadas e treinadas para a orientação dos filhos, governar a cozinha, costurar e bordar. Acrescenta que as outras, menos afortunadas faziam doces, arranjos de flores e outros trabalhos que ajudariam no sustento da casa e dos filhos. A mentalidade daquela época previa que a mulher excessivamente letrada e independente seria uma ameaça para o lar tradicional. E essa ideia ainda persistiu por um bom tempo, aliás, ainda hoje, há aqueles que acreditam que a mulher nasceu para ser apenas do lar, com o dever de cuidar da casa, do marido e dos filhos.

O processo para obter o resultado que se tem na atualidade foi lento e árduo. As mulheres que antecederam esse período deram o sangue para conquistar seu espaço, serem respeitadas e alcançarem o direito à escolha no ramo pessoal e profissional. Sendo assim, as mulheres escritoras, inclusive, mantiveram-se oprimidas por anos até, de fato, serem reconhecidas e poderem publicar suas obras. Mesmo assim, eram criticadas e tinha sua autoria colocada em xeque. Ainda declara Miridan Knox Fa-

lei:

Como referimos anteriormente, um bom exemplo de mulher letrada que alcançou relativo sucesso foi a piauiense Amélia de Freitas Beviláqua, que, apesar de sua luta, não conseguiu entrar para a Academia Brasileira de Letras devido aos preconceitos da época (coube a outra nordestina, Rachel de Queiroz, a primazia dessa participação). Amélia aprendeu a ler e a escrever à base de palmatória e com a figura carrancuda de um professor contratado por seu pai. Acabaram-se os folguedos, a vida despreocupada e impuseram-lhe o estudo. Em suas palavras: “A formação do meu espírito foi muito diferente da formação dos mestres. Não foram os livros nem os professores, que os tive em número muito escasso, quem abriu o caminho de minha intelectualidade, me deu o entendimento de tudo o que era necessário saber; foi a dor. Com ela aprendi muito”. (FALEI, 2004, p. 211)

Tendo em vista a importância da figura feminina no contexto literário, seja como escritora ou enriquecedora dos perfis das personagens das tramas, destaca-se Rachel de Queiroz, primeira mulher a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, escritora que se sobressaiu por suas produções inovadoras e por adentrar em um espaço até então ocupado só por homens, assim vê-se as superações e ampliações de valores femininos, tornado-se mais evidente na literatura. No início do século XX, a literatura feminina voltou-se também para a mulher que estava em busca de seu espaço, o que refletia em seus escritos. Ser apenas do lar não satisfazia os anseios dessas mulheres que traziam dentro de si um mundo de sonhos e fantasias, além de uma vontade imensa de expor seus talentos e conquistar a liberdade.

Ademais, Rachel utilizou características marcantes na composição de personagens femininas, levando o público leitor a uma reflexão sobre o papel da mulher na sociedade. As personagens apresentadas em suas obras, pertencentes à geração de 30, divergem-se de boa parte dos autores da época. Ela conseguiu compor uma figura que trazia sensibilidade em sua alma, mas ao mesmo tempo era inteligente, reflexiva, apaixonada e forte e, acima de tudo, dotada de vontade própria, que realiza escolhas com seriedade, ousadia e determinação. Até mesmo, algumas dessas características citadas eram da própria autora que deram vida a personagem Conceição, na obra que é aqui analisada e onde foram dectadas suas memórias.

Por meio deste estudo analisa-se as características marcantes da vida e da obra de Rachel, observando-se a composição da personagem feminina em “O Quinze”, ao acreditar que Conceição é uma personagem que carrega em si as memórias de sua autora, seus anseios e vivências

sentimentais, isso será comprovado com alguns fragmentos que deixam transparecer essa ligação. Desse modo, delimita-se a seguinte questão-problema: Qual a importância das memórias da autora na composição do enredo e construção das personagens?

Para responder à questão-problema, foi necessário lançar mão dos procedimentos de pesquisa. Assim, realizou-se um levantamento bibliográfico de autores que dialogam com a ideia e corroboram para estruturação da análise. Este artigo traz consigo o objetivo geral de evidenciar as memórias presentes na obra “O Quinze” bem como apresentar o romance na perspectiva modernista e regionalista, expondo as características desse período e desenvolvendo uma análise sobre a obra de Rachel de Queiroz, relacionando-a aos vestígios do período no qual está inserida.

A partir daí traça-se os seguintes objetivos específicos: 1) Apresentar os traços marcantes da vida de Rachel Queiroz e aproximá-la de sua personagem, Conceição. 2) Revisitar o Modernismo Brasileiro e mostrar as características peculiares de sua segunda fase. 3) Investigar a presença das memórias de Rachel de Queiroz em sua obra *O quinze*, ao identificar a linha de contato entre ficção e realidade: Rachel e Conceição.

Assim, para delinear o estudo, este trabalho está organizado em seções: a primeira aborda a história de uma escritora que revolucionou a literatura e que foi a primeira a ocupar a Academia Brasileira Letras, evidencia-se assim os principais aspectos de sua biografia e suas produções. A segunda seção faz uma visita ao início do século vinte com base no surgimento do Modernismo, que teve início a partir de 1922, com a Semana de Arte Moderna. O destaque para a elaboração desta proposta será a segunda fase, que se situa entre 1930 a 1945, conhecida também como geração de 30. Destaca-se a importância desse momento para a Literatura Brasileira, os seus reflexos e os autores que contribuíram para a construção dessa fase. A terceira mostra a personagem de “O Quinze”, Conceição, e sua relação com a autora, Rachel de Queiroz, ao identificar no romance um compilado: realidade, memória e ficção.

As produções de Rachel de Queiroz, assim como ela própria, tentam fugir dos paradigmas, ao renovar na forma de escrever suas vontades.

## **2. Aspectos gerais da biografia de Raquel de Queiroz.**

A mulher demorou para conquistar seu espaço na literatura. Enquanto escritora, essa conquista foi adiada por anos. Devido à cultura e à sociedade patriarcal e machista, a princípio, o letramento feminino tinha como objetivo apenas questões de etiqueta ou a redação de convites de casamento. Para o ideal da época, quanto mais tivesse conhecimento, mais perigos se tornaria, pois lutaria por seus direitos. Norma Telles afirma:

Excluídas de uma efetiva participação na sociedade, da possibilidade de ocuparem cargos públicos, de assegurarem dignamente sua própria sobrevivência e até mesmo impedidas do acesso à educação superior, as mulheres no século XIX ficavam trancadas, fechadas dentro de casas ou sobrados, mocambos e senzalas, construídos por pais, maridos, senhores. Além disso, estavam enredadas e constringidas pelos enredos da arte e ficção masculina. Tanto na vida quanto na arte, a mulher no século passado aprendia a ser tola, a se adequar a um retrato do qual não era a autora. As representações literárias não são neutras, são encarnações “textuais” da cultura que as gera. (TELLES, 2004, p. 341)

Só a partir do Modernismo, as artistas passaram a ser reconhecidas por suas produções literárias. Nesse contexto, em especial, na segunda fase é que se destaca Rachel de Queiroz, uma das mais relevantes figuras do universo literário brasileiro. Em sua biografia e em suas obras vê-se o reflexo das conquistas femininas que cresceram a partir do século XX. Muitas mulheres que a antecederam foram injustiçadas pela história e não chegaram a ter suas obras reconhecidas.

Nascia em Fortaleza, no dia 17 de novembro de 1910, a mulher que seria a primeira a ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras. Desde sua infância recebia incentivos para ler. A mãe dela, mesmo morando em Quixadá, no interior, encomendava livros para atualizar o universo imaginário da filha. Seus pais eram amantes da Literatura e ela se inspirou neles. Edimilson Caminha exalta algumas das qualidades de Rachel:

Mestra na crônica, a escritora cearense foi admirável, também, no romance, na dramaturgia e no conto (sem esquecer a importância alcançada no exercício da tradução), os veios principais de uma extensa e multifacetada obra que honra o Brasil e engrandece a literatura brasileira. (CAMINHA, 2010, p. 6)

Rachel, nasce em Fortaleza, mas após 45 dias do seu nascimento, retorna para Quixadá com seus pais e, apesar de não nascido lá, sentia-se quixadense de coração, cresceu assim, nutrindo por aquele lugar um a-

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

mor sem igual. Por conta das atividades profissionais do pai, volta para Fortaleza onde permanece por dois anos. Em 1915, novamente em Quixadá, mesmo sendo muito novinha, vivencia sua primeira seca. Essa experiência e as outras vivenciadas no Nordeste ficaram cravadas na memória da autora. O pai da escritora perde todo o gado e quase toda a plantação nessa seca. Os anos que seguiam seriam de mudanças para ela e a família, até que em 1919, retorna para Quixadá.

Durante esse tempo, do nascimento até os 10 anos de idade, o pai dela foi seu principal educador, ensinando-lhe a ler, a nadar e a cavalgar. Um ano depois, em 1920, por uma exigência da avó, matricula-se no Colégio Conceição, nome com o qual registrou a personagem principal de *O Quinze*. Foi a primeira e única educação formal a qual foi submetida, visto que sua mãe não acreditava nesse tipo de educação. Embora tivesse uma leitura muito vasta, lendo, desde muito nova, Júlio Verne e autores importantes, inclusive, outros estrangeiros, nada sabia de gramática e de matemática.

No filme-documentário “Um Alpendre, uma Rede, um Açude”, realizado por Eliane Terra e Karla Holanda em 1995, Rachel afirmou que “nunca tinha ouvido falar” nessas disciplinas. Nesse sentido, trazia consigo uma bagagem de conhecimentos, mas todos oriundos da educação oferecida pelos pais e pela leitura. Além disso, ressalta sua autoanálise enquanto estudante, ela alega que nunca foi uma boa aluna, e que o único ensino formal que havia tido na vida foi o da escola exigida por sua avó. Considerava-se uma autodidata. Na verdade, grande parte de tudo que sabia foi incutido pelo resultado do hábito da leitura. Isso teve como reflexo a facilidade para escrita e, ainda muito nova, começa a tarabalar com as palavras e escreve seu primeiro livro.

A autora talvez, além do incentivo dos pais, da convivência e do amor pelos livros, tenha herdado o dom de escrever dos familiares maternos. É desse lado da família que se encontra seu parentesco com o romancista José de Alencar. Segundo Edimilson Caminha, além desse dom, Rachel sempre se mostrava orgulhosa das convicções políticas que seus antepassados possuíam, inclusive, deixa isso bem claro, quando escreve a crônica “Falando em Revolução Francesa:

Nós, os Queiroz (pela parte de meu pai), e nós, os Alencares (pela parte de minha mãe), sempre fomos raça de república e rebeldes. Não houve um único dos meus 16 tataravós, Queiroz ou Alencar, que não fosse morto, ou perseguido, ou fugitivo, ou encarcerado naquele agitado período de 1817 a 1824, aqui no Nordeste. (RAQUEL *apud* CAMINHA, 2010, p. 7)

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Os outros anos estudando no Colégio Conceição, convivendo com as freiras e com todos os momentos de fé daquela instituição, não foram suficientes para eliminar a descrença de Rachel. Ela disse nunca ter sido uma mulher de fé e que admirava as pessoas que a possuíam, julgava ser infeliz quem não a tivesse, também revela abertamente essa sua situação em um programa da TV Câmara, dirigido por Ana Maria Lopes para a série “Memória Política”, gravado em 2001:

Infelizmente, não tenho fé. Não me orgulho disso, confesso que tenho até tristeza. Nunca fui antirreligiosa, gostaria de ter fé: não a tenho porque Deus não me deu. É muito solitário e muito triste não crer em nada. Eu não acredito nem em Deus. Quem não tem fé é uma pessoa infeliz. (RACHEL *apud* CAMINHA, 2010, p. 8)

Antônio Houiass, no filme-documentário “Um Alpendre, uma Rede, um Açude”, realizado por Eliane Terra e Karla Holanda em 1995, assegura que Rachel é uma trabalhadora em literatura espantosa, que conseguia ser romancista, dramaturga e ainda colaborava com os principais jornais brasileiros. Acrescenta que ela é capaz de fazer com que o leitor se apaixone por suas tramas e personagens, pois esses apresentam verossimilhança, com caráter físico e psicológico que lhes dão vida e um quê de realidade. Em 1º de dezembro, no texto que inauguraria sua seção na revista *Cruzeiro* (1945), a própria autora se apresenta de uma forma singular e espontânea:

Pouco sei falar em coisas delicadas, em coisas amáveis. Sou uma mulher rústica, muito pegada à terra, muito perto dos bichos, dos negros, dos caboclos, das coisas elementares do chão e do céu. Se você entender de sociologia, dirá que sou uma mulher telúrica; mas não creio que entenda. E assim não resta sequer a compensação de me classificar com uma palavra bem soante. E acrescenta: “A política é que às vezes me azeda, mas, segundo o trato feito, não discorreremos aqui de política. Em tudo o mais sempre me revelo uma alma lírica, cheia de boa vontade; eu sou triste um dia ou outro, não sou mal humorada nunca”. (RACHEL *apud* CAMINHA, 2010, p. 18 )

Rachel formou-se professora e voltou-se para Quixandá. Em 1928, foi eleita rainha dos estudantes e para sua tristeza, no dia em que ocorria a coroação, na hora do evento, chega a notícia de que João Pessoa, presidente do Estado da Paraíba, havia sido assassinado. Iniciou sua carreira profissional muito cedo. Antes, aos 16 anos, teve seu primeiro emprego no jornal.

Em 1930, Rachel publica seu primeiro livro, “O Quinze”. O grupo de 30 marcou o nordeste moderno ao destacar a misérias e grandes talentos. A repercussão da obra foi boa e aguçou a crítica, Augusto Frederico

Schmidt, que se aproximaria dela quando vai para o Rio receber o prêmio pela produção de “O Quinze”, aplaudiu, já Graciliano, também escritor da segunda fase, duvidou ser a autora uma mulher.

A trajetória de Rachel como romancista inicia-se. Publicou outros importantes romances, mas o destaque vai para os três no qual ela trabalha com esses reveladores perfis de mulher. A escritora começa com Conceição, em “O Quinze”, continua essa construção feminina com Maria Augusta, Maria da Glória e Maria José, em *As três Marias* e encerra com Maria Moura, em *Memorial de Maria Moura*. Há estudos que apresentam Maria Moura como uma produção autobiográfica de Rachel, outros destacam a semelhança com Maria Guta, mas, na verdade, todas as personagens tem um pouco de sua autora. A própria autora diz que todo personagem pode ser considerado autobiográfico referindo-se ao fato de que quem escreve tem apenas uma experiência para dar, ou seja, a própria história, tudo que experienciou e que ficou guardado na memória.

Sendo assim, Rachel é surpreendente e suas obras são de grande importância para a Literatura Brasileira. Em “O Quinze” apresenta as suas memórias e a de todos os nordestinos que vivenciaram a seca. As obras produzidas entre 1915 e 1930 fazem jus aos ideais do período. Os textos vêm carregados de denúncias sociais e de pontos marcantes tanto na escritora como em suas personagens femininas que são tecidas ao longo dos dois primeiros romances e encontram seu auge em *Maria Moura*, são figuras fortes, ousadas, sonhadoras e destemidas, são mulheres, cada uma com o seu perfil, mas lutando por algo em comum: a libertação. Antônio Cândido declara:

O “romance nordestino” conquistou a opinião do país a partir de *A bagaceira* (1928), de José Américo de Almeida (1887-1980), e *O Quinze* (1930), de Rachel de Queiroz (n. 1910). Enquanto aquele teve apenas o mérito da precedência, este se sustenta ainda hoje pela força do estilo simples e expressivo, que revelou uma escritora cujo grande talento foi confirmado pelos livros posteriores: *João Miguel* (1932), também de assunto regionalista, *Caminho de Pedra* (1937), sobre as lutas políticas de esquerda, *Três Marias* (1939), excelente análise da adolescência feminina. (CÂNDIDO, 99, p. 86)

Mário de Andrade salienta também:

É uma criaturinha do Ceará, com dezenove anos, escreve e põe dedicatórias no seu primeiro livro com os mesmos ambiciosos exageros dos principiantes. O livro dela se chama *O Quinze*, e ninguém se engane pelo prefácio sem sal nem açúcar, que promete pouco. O livro vem enriquecer muito a já feliz literatura das secas. A ficção sobre as secas nordestinas

Rachel casa-se por duas vezes, no primeiro casamento, perde uma filha, isso abala seu casamento e cria uma lacuna em sua vida literária, daí decorre também a separação. A literata trabalha por algum tempo no comércio. A autora em questão possui uma vasta obra. Foi romancista, cronista, contista e até tradutora. Em 4 de julho de 1977 passa ocupar uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, uma vitória, uma conquista para as mulheres brasileiras. Rachel continua produzindo seus textos, mesmo depois de ser acometida por uma isquemia. Amava o que fazia e o fazia muito bem. Edimilson Caminha evidencia:

No dia 4 de agosto de 1977, quebrou-se um tabu de exatos 80 anos na Academia Brasileira de Letras, com a eleição de Rachel de Queiroz para a cadeira n.º 5, anteriormente ocupada por Cândido Motta Filho. Fundada em 1897, a instituição resistia obstinadamente a acolher mulheres.<sup>9</sup> Candidata pela primeira vez, a escritora concorreu à vaga com o jurista Pontes de Miranda. (CAMINHA, 2010, p. 32)

Aos 93 anos, na Rua Rita Ludolf, n.º 43, Leblon, Rio de Janeiro, na manhã do dia 4 de novembro de 2003, alguns anos após assumir uma cadeira na Academia Brasileira de Letras, Rachel é encontrada morta, mas permanece imortal nas lembranças dos amigos e segue sendo admirada pelos leitores.

### **3. *O Modernismo brasileiro em sua segunda fase***

Sabe-se que a literatura é reflexo do momento histórico, no qual a sociedade vive. No Brasil, o percurso literário é assaz extenso ao apresentar novas roupagens a cada passo da trajetória de produções. Esse crescimento e mudanças inicia-se em 1500 e se estende até os dias atuais. Para Antônio Cândido (1999), o nascimento da literatura brasileira não ocorreu aqui, na verdade, afirma que já veio pronta e foi se transformando à medida em que a sociedade ia se renovando. Tendo por base essa ideia, confirma-se que ela se encontra em constante renovação.

No contexto brasileiro, as escolas literárias, inspiradas pela Europa, inclusive, inicialmente, produzidas pelos europeus em nosso território, vão ao longo de seu amadurecimento revestindo-se de novidades e aprimorando o que antes já havia se consagrado.

Faz-se necessário, segundo Antônio Cândido (1999), considerar, então, como literatura do Brasil as transposições, mesmo que simples,

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

feitas de forma pura, dos modelos clássicos ocidentais e também os outros textos (obras) que apresentam tema, tonalidade espiritual e outros atributos utilizados como instrumentos expressivos. Isso, pois os dois processos apresentados são relevantes na formação de uma literatura derivada, ou seja, buscava-se aos poucos a criação de um timbre próprio por parte da Colônia no pleno desenvolvimento de sua personalidade.

O Modernismo, movimento iniciado 1922, com a Semana de arte Moderna, traz em a essência o radicalismo incutido na alma dos artistas que se encontravam em contato com a Europa e com as correntes de vanguardas em pleno vapor. Como já é sabido, vários dos jovens artistas brasileiros viveram essa realidade e foram os percursores dessa escola literária, por isso, a primeira fase era altamente destrutiva, buscava-se um desvincialhe-se do academicismo e de todas as regras estipiladas até então. Cândido acrescenta ainda que o Modernismo faz parte da era de configurações de sistema e define esse sistema como:

[...] sistema a articulação dos elementos que constituem a atividade literária regular: autores formando um conjunto virtual, e veículos que permitem o seu relacionamento, definindo uma “vida literária”: públicos, restritos ou amplos, capazes de ler ou ouvir as obras, permitindo com isso que elas circulem e atuem; tradição, que é o reconhecimento de obras e autores precedentes, funcionando como exemplo ou justificativa daquilo que se quer fazer, mesmo que seja para rejeitar. (CÂNDIDO, 1999, p. 15)

Um outro contexto que merece destaque é a segunda fase do Modernismo, com início em 1930. Na poesia, Murilo Mendes, Jorge de Lima, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles e Vinícius de Moraes se destacam. Esses se encontram mais maduros e buscam um aprofundamento das conquistas da geração anterior. Além disso, continuam a pesquisa estética, ao cultivar a liberdade na métrica e uma tentativa de explicar o “estar-no-mundo”. Na prosa, há uma revelação de um grupo muito talentoso que mostra as misérias do povo nordestino, com uma literatura de caráter mais construtivo, quando apresenta um verdadeiro documentário da realidade brasileira. Dentre eles, destacam-se Graciliano Ramos, Rachel de Queiroz, José Lins do Rego, Jorge Amado, Érico Veríssimo e Dyonélio Machado. Esse grupo ficou conhecido como geração de 30. Sobre esse grupo, Antônio Cândido ressalta:

Mas o impacto maior sobre a crítica e o público foi devido a um tipo oposto de narrativa, o chamado “romance nordestino”, geralmente orientado por um realismo de corte naturalista e ancorado nos aspectos regionais. Portanto, foi até certo ponto uma retomada do regionalismo, mas sem pitoresco e com perspectiva diferente, pois o homem pobre do campo e da cidade apareciam, não como objeto, mas, finalmente, como sujeito,

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

na plenitude da sua humanidade. Isso, devido a uma consciência crítica que torna a maioria desses autores verdadeiros radicais por meio da literatura. É preciso observar que a etiqueta “regionalismo” se deve em parte ao fato de as avaliações literárias terem como base o Rio de Janeiro, ainda então o grande centro intelectual do país. Por isso, as narrativas que tinham por quadro as províncias podiam ser vistas como exóticas, na medida em que descreviam um mundo diferente do da capital. Regionalismo significa às vezes, para a perspectiva desta, simples distanciamento geográfico. (CÂNDIDO, 1999 p. 83)

Sobre a escritora Rachel de Queiroz, Cândido acrescenta:

Rachel de Queiroz tornou-se mais tarde uma praticante notável da “crônica”, gênero literário muito popular no Brasil, consistindo num pequeno artigo sobre qualquer assunto, em tom coloquial, procurando estabelecer com o leitor uma intimidade afetuosa que o leva a se identificar à matéria exposta. (CÂNDIDO, 1999, p. 86-7)

Ainda, no entendimento de Antônio Cândido (99), vê-se que, em 30, estreita-se nos livros narradores de qualidade que, geralmente, são cuidadosos na escrita e, de forma resumida, conseguem infundir em seu documentário da realidade, por vezes irônica e desencantada, uma dose de poesia.

A revelação da realidade local, a princípio, foi algo natural. Os romances eram resultado de pesquisa e registros de situações ocorridas. Buscava-se o homem brasileiro espalhados em vários cantos da nossa terra. Nessa busca, o regionalismo ganha importância jamais alcançada na literatura, isso leva ao extremo as relações entre o homem e seu ambiente natural e social. Antônio Cândido salienta:

No processo que acompanhamos até aqui, a busca da expressão literária característica teve sempre como pedra de toque a tendência, primeiro inconsciente, depois consciente, de exprimir a realidade local. É a perspectiva que se definiu no século XIX como nacionalista e que os modernistas refundiram, atualizando-a conforme inspirações de vanguarda. (CÂNDIDO, 1999, p. 95)

Alfredo Bosi afirma que as décadas de 30 e 40 ensinaram muitas utilidades aos intelectuais da época, sugere que esse período serviu como uma nova compreensão, uma compreensão viril dos velhos e dos novos problemas, ao levar ao amadurecimento de alguns autores, “reconhecer o novo sistema posterior a 30 não resulta em cortar as linhas que articulam a sua literatura com o Modernismo” (BOSI, 2006, p. 389). Ainda, Bosi acrescenta:

O Modernismo e, num plano histórico em geral, os abalos que sofreu a vida brasileira em torno de 1930 (a crise cafeeira, a Revolução, o acele-

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

rado declínio do Nordeste, as fendas nas estruturas locais) condicionaram novos estilos ficcionais marcados pela rudeza, pela captação direta dos fatos, enfim por uma retomada no naturalismo, bastante funcional no plano da narração-documento que então prevalecia. (BOSI, 2006, p. 389)

Sendo assim, fica nítida a importância do Modernismo para o Brasil, em especial sua segunda fase que apresenta uma denúncia da realidade, dando uma importância às problemáticas de cada região jamais vista.

José Lins do Rego, na conferência “tendência do Romance Brasileiro”, pronunciada em 1943, destaca com muito vigor e emoção o encontro do escritor com seu povo, uma das características do moderno romance brasileiro:

“Nós, no Brasil, queremos, acima de tudo, nos encontrar com o povo, que andava perdido. E podemos dizer que encontramos este povo fabuloso, espalhado nos mais distantes recantos de nossa terra. O romance de nossos dias está todo batido nesta massa, esta todo composto com carne e sangue de nossa gente. O mesre Manuel Antônio de Almeida, em 1850, nos dera o roteiro. O segredo era chegar até o povo. Ele tinha todo o ouro, toda a alma, todo o sangue para nos dar a verdadeira grandeza. Sem ele, não haveria eternidade. Sem o povo não haveria eternidade. O nosso romance tem um século. Justamente em 1843 publica-se no Brasil, o primeiro romance. Levamos uns anos para chegar ao povo. Hoje, podemos dizer, já podemos afirmar: o povo é em nossos dias heróis de nossos livros. Isto equivale a dizer que temos uma literatura.” (REGO *apud* NICOLA, 98, p. 352)

### **4. Análise literária do romance “O Quinze”**

“O Quinze”, primeiro romance de Rachel de Queiroz, publicado em 1930, provocou um grande impacto nos leitores, não só pela idade da autora, mas também pelo fato de ser uma narrativa fortemente social escrita por uma mulher. Até esse momento, no campo da Literatura, não havia destaque para artistas do sexo feminino.

O máximo que elas produziam eram poesias.

Esse romance apresenta um grande momento de luta no Nordeste: a seca de 30, que comprometeu ou até mesmo acabou com a vida de muitos nordestinos. A ficção transborda em memórias, já que a autora viveu naquela região e pode ver de perto a dor daquele povo. Em várias partes do enredo é possível perceber o quanto a realidade vivida pela autora se faz presente. Mesmo sendo uma narrativa em terceira pessoa, em alguns momentos, a fala da personagem aparece nos diálogos, aproximando-a

dos ideais da autora.

É interessante ressaltar que o autor, antes de escritor, é um ser humano que sente, anseia, luta e pesencia toda realidade social vigente. Por isso, dificilmente encontra-se personagens que nada têm de seus autores ou das experiências vividas pelos mesmos. Muito que Rachel de Queiroz expõe não é ficção pura, e sim, uma recriação de tudo que ouviu e viveu durante sua vida, as próprias experiências dela. Dessa forma, subentende-se que Rachel apresenta ao público leitor, suas memórias, tudo que marcou seus passos ao longo do período experienciou a seca. Ela revela suas experiências ou outras expostas por outros.

Segundo Walter Benjamin (1993), o narrador é capaz de recontar tudo que viveu ou que os contaram e recebe de volta as histórias que os outros contam sobre ele. Rachel de Queiroz recontou o que vivenciou, suas histórias, suas memórias, suas as lembranças são o que ela ofereceu de mais real. Impossível seria desvincilhar-se de tudo que foi vivido, experimentado em toda a existência.

Para tecer seu romance “O Quinze”, a autora utiliza duas linhas: o amor irrealizado de Conceição e o drama de um retirante e sua família que queriam fugir da seca. Nesse sentido, Conceição, protagonista da trama, representa a mulher que expõe anseios e desejos de forma ousada. Tal representação feminina surpreendeu todos daquela época visto que o perfil feminino apresentado era inovador, nada conhecido até aquele momento. Pode-se imaginar o quanto a autora foi criticada. Algumas especulações surgiram relacionadas a sua obra, já que as mulheres deviam se apresentar apenas como escritora de soneto ou nem isso. Rachel rompeu com essa ideia ao tecer Conceição e as outras personagens femininas em seus romances.

No texto “A terceira onda”, de Dolores Orosco e Juliana Vila (Revista Isto É, 2004), há a caracterização de três perfis femininos distintos. A mulher da primeira onda, a “Amélia”, preocupada apenas em satisfazer aos filhos e ao marido, mulher esta que não era criada para exercer uma profissão, e sim, para as tarefas do lar. A segunda onda do comportamento feminino apresenta o sexo frágil que passou a lutar por igualdade de direitos e a se especializar, adentrando no mercado de trabalho e conquistando sua independência. E por último, a terceira onda, também chamada de “mulher andrógina”, que reúne características femininas, como a postura competitiva no mercado de trabalho, a palavra, tentou lutar pela igualdade e por uma visão de mulher que ia de habilidades do-

mésticas.

No romance em questão, a protagonista aparece bastante emancipada, ela é inteligente, sonhadora, independente, mas ao mesmo tempo fraca e sensível. Percebe-se que a personagem tem muito em comum com a autora e, ao passo que a obra é lida, isso se torna evidente. Exímia leitora, devoradora de livros, assim como Rachel, que desde a infância teve contato com os livros e apreciava os romances franceses por indicação de sua mãe, além de conhecer história por intermédio de seu primeiro professor, seu pai, Conceição, no campo da ficção, coloca-se na condição de leitora, amante dos livros em busca de conhecimento.

Conceição o folheou devagar, relendo trechos conhecidos, cenas amorosas, duelas, episódios de campanha. Largou-o, tomou os outros – um volume de versos, um romance francês de Coulevain. E ao pô-lo na mesa, lastimava: – muito pobre, essa estante! Já sei quase tudo decorado. (QUEIRÓZ, 2006, p. 12)

As características que definem a personagem se assemelham a de Rachel. O pai dela foi seu primeiro professor e foi com ele e a mãe que ela aprendeu a gostar de ler e viajar no universo ficcional.

Há momentos na narrativa nos quais observa-se a exposição do lugar onde Rachel passava parte do ano e que tinha muita importância em sua vida. As duas, Rachel e Conceição, tinham esse lugar em comum. Também era esposto como ela se encontrava após os meses de trabalho. Destaca-se, então, a semelhança entre personagem e autora.

Todos os anos, nas férias da escola, Conceição vinha passar uns meses com a avó (que criara desde que lhe morrera a mãe), no Logradouro, a velha fazenda da família perto do Quixadá. Ali tinha a moça seu quarto, os seus livros e, principalmente, o velho coração da Mãe Nácia. Chegava sempre cansada, emagrecida pelos 10 meses de professorado; e voltava mais gorda com o leite ingerido à força, resposta de corpo e espírito graças ao carinho cuidadoso da avó. (QUEIRÓZ, 2006, p. 13)

Até mesmo na formação, é possível identificar semelhanças entre ambas, visto que a personagem analisada era professora. Rachel também se formou para tal ofício, inclusive conta que essa foi a única educação formal que teve, fez o normal na Escola Conceição, onde foi matriculada a pedido de sua avó. Destarte, torna-se provável que os relatos apresentados sejam fatos pertencentes à memória da autora. Em “O Quinze”, diz de Conceição: “Chegava sempre cansada, emagrecida pelos dez meses de professorado: e voltava mais gorda com leite ingerido à força, resposta de corpo e espírito graças ao carinho e cuidado da avó (QUEIROZ, 2006, p. 13).

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

Em determinados momentos, Conceição demonstra insegurança quando vê que precisa escolher entre seus interesses intelectuais e culturais e o amor que sente por Vicente, seu primo, homem rude, que só tinha preocupações com sua família e com o gado, mas que apesar dessas diferenças, era amado por ela. Nesse fragmento, destaca-se a confusão na mente dessa mulher que está ascendendo, conquistando seu espaço, ao mesmo tempo que cresce pelo seu primo um sentimento:

Deitada na cama, com a luz apagada, Conceição recordava Vicente e sua visita. A verdade é que ela era sempre uma tola muito romântica para lhe emprestar essa auréola de herói de novela! A verdade é que ela era sempre uma tola muito romântica para lhe emprestar essa auréola de herói de novela. (QUEIROZ, 2006, p. )

Além das inovações citadas anteriormente, ainda existe a da independência, mais que financeira, a de não ter que manter um relacionamento conjugal para desempenhar o papel de mãe. Mesmo sem casar, Conceição não deixou de realizar o grande desejo de seu coração e ao mesmo tempo seu grande medo. Ela deixa claro que sentia falta disso e se preocupava em terminar seus dias sozinha.

Afinal, o verdadeiro destino de toda mulher é acalantar uma criança... E sentia no seu coração o vácuo da maternidade impregnada..."*Vae solis!*"*Bolas!* Seria sempre estéril, inútil, só... seu coração não alimentaria outra vida, sua alma não se prolongaria noutra pequenina alma...Mulher sem filhos, elo partido na cadeia da imortalidade... Ai dos sós..." (QUEIROZ, 2006, p. 156)

Por mais forte que seja a mulher, no mais íntimo de seu ser, o desejo da maternidade se faz presente. Com Duquinha, seu afilhado, o sonho torna-se realidade e, apesar de não ter dado à luz, sentia-o filho. Nesse tocante, percebe-se o distanciamento entre autora e sua personagem. Conceição não se casa, mas Rachel, sim, casa-se duas vezes e tem filhos.

À vista do menino, adoçou a amargura no coração da moça. Passou-lhe suavemente a mão pela cabeça; e pensou nas suas noites de vigília, quando Duquinha, moribundo, arquejava, e ela lhe servia de mãe. Recordou seus cuidados infinitos, sua dedicação, seu carinho... E, consolada, murmurou: – Afinal, também posso dizer que criei um filho [...] (QUEIROZ, 2006, p. 157)

Apresentando atitudes femininas consideradas inovadoras na Literatura Brasileira, “O Quinze” remete-se, no plano individual, à figura forte de Conceição, que não se dissocia da autora. Ambas “revolucionárias” de seu tempo: uma no campo da ficção e outra por fazer uso da mesma para expor questionamentos e lutar pela igualdade de direitos em uma sociedade patriarcalista. As ideias expostas e a personagem são tão cons-

tantes que no final do romance, quando questionada acerca de sua recusa ao casamento, Conceição revela aridez impregnada em seu coração pela seca e no da Rachel, a consciência da situação vivenciada por grande parte das mulheres da época: “Essa história de amor, absoluto e incoerente, é muito difícil de achar...eu, pelo menos, nunca o vi... o que vejo, por aí, é um instinto de aproximação muito obscuro e tímido, a que a gente obedece conforme as convivências.” (QUEIROZ, 2006, p. 156).

Diferente de sua personagem, apesar de buscar caminhos que não condiziam com os perfis das mulheres da época e tornar-se escritora de vários gêneros, até então, não ousados por mulheres, Rachel casa-se e divorcia-se. Mais uma vez, mostra a sua independência e coragem. Separar-se do marido naquele tempo era algo condenado pela sociedade. A mulher tinha o papel de aceitar todas as dificuldades e permanecer ao lado de seu marido, mesmo que esse arrumasse outras mulheres ou não cumprisse com suas obrigações.

Devido às suas ideias, avançadas para o contexto social da época, decorrentes de leituras, geralmente destinadas ao sexo masculino. Conceição significa a abertura para um novo espaço social que se situa no plano da contraideologia, enquanto a avó é a típica representante da tradição com a qual a protagonista rompe ao recusar o casamento, por não querer um marido nos padrões da sociedade da época, que aceita a infidelidade masculina com naturalidade. Reafirma-se, portanto, a inovação de ambas: autora e personagem.

### **1. Considerações finais**

O século XIX ficou em destaque por ser momento de reflexão sobre os desafios de superação confrontados com os valores que alimentavam a sociedade da época. Ainda presa ao tradicional, a humanidade não respeitava, a mulher em sua amplitude. Elas eram vistas apenas como responsáveis pelo lar e pelos filhos, não havendo necessidade nem interesse em que estudassem e buscassem o conhecimento. A figura feminina, então, desempenha importante papel na luta para terem reconhecido seu potencial de criação. É fácil verificar que o romance do século XIX tentou inserir a mulher num circuito mais ou menos programável de uma moral burguesa que se alimentava de uma herança mal resolvida com a era aristocrática. A mulher não era dada muita liberdade, principalmente, a optar por satisfazer seus anseios pessoais ou profissionais.

## *Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

As mulheres escritoras brasileiras do século XIX foram ignoradas propositalmente e apagadas da literatura brasileira, foram desrespeitadas pela história, porém é incontestável o importante papel da mulher na sociedade, mesmo antes de ser reconhecida por suas obras, o sexo caracterizado como frágil, permanecia firme na luta por seus ideais.

Já no século XX, em especial a partir de 1922, esse quadro começa a mudar e a literatura começa a ter reflexos dos testemunhos que fazem parte do cotidiano da mulher brasileira: a intenção de desnudar a alma feminina, seus desejos e vontades, inquietações e posturas diante da própria vida. Nesse contexto, destacam-se as obras de Rachel de Queiroz como um importante marco para o início de uma nova era na literatura. A literata inovou ao apresentar para o mundo perfis femininos surpreendentes e se destaca na composição de seus textos.

Dessa forma, encontra-se nas obras da autora, diferentes personalidades, mas por trás dessas diferenças, há em comum a força das mulheres. A própria Rachel representa isso, quando conquista seu espaço e outros até então apenas ocupados por homens, é o caso da Academia Brasileira de Letras.

A mulher percorre a literatura, mas nas obras de Rachel de Queiroz esse percurso tem um tom especial. Aos poucos, ela vai caracterizando suas personagens, atribuindo-lhe um valor incondicional, evidenciando a importância da mulher. Segundo a própria autora, todas as personagens são autobiográficas. Sendo assim, cada uma de suas personagens carregam um pouco de si, destaca-se aqui, O Quize, com sua personagem Conceição que retratam suas memórias.

### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CÂNIDO, Antonio. *Iniciação à literatura brasileira: resumo para principiantes*/Antonio Candido. 3. ed. São Paulo: Humanitas/FFLCH/USP, 1999. (Revista Cruzeiro 1945)

BENJAMIN, Walter. *O Narrador: Considerações sobre a obra de Nikolai Leskov*. Trad. de Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1993.

BENJAMIN, Walter. *A modernidade e os modernos*. Rio de Janeiro: tempo Brasileiro, 1975.

NICOLA, José de. *Literatura Brasileira: das origens aos nossos dias*. 15. ed. São Paulo: Scipione.

*Círculo Fluminense de Estudos Filológicos e Linguísticos*

BOSI, Alfredo, 1936. *História da literatura brasileira*. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.

CAMINHA, Edmilson, 1952. *Rachel de Queiroz: a Senhora do não me deixes*. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2010. p. 74

OROSCO, Dolores; Vilas, Juliana. A terceira onda. In: *Revista Isso É*, São Paulo: Abril, n. 1820, p. 56-7, 25 ago. 2004.

QUEIROZ, Rachel. *O Quinze*. 82. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2006.

FALEI, Miridian Knox. Mulheres do sertão nordestino. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *Histórias das mulheres do Brasil*. 7. ed. São Paulo : Contexto, 2004.

TELLES, Norma. Escritoras, escritas, escrituras. In: PRIORE, Mary Del (Org.). *Histórias das mulheres do Brasil*. 7. ed. São Paulo: Contexto, 2004.